



# Tailor Report

Relatório de Mercado

Semana 06/10 - 10/10



# Macroeconomia

A semana foi marcada por um cenário global de elevada incerteza, com destaque para a prolongada paralisação do governo dos Estados Unidos e novos desdobramentos políticos e fiscais em diversas economias. O impasse em Washington, que já se estende por nove dias, mantém cerca de 2 milhões de servidores sem pagamento e mais de 700 mil afastados de suas funções, paralisando a divulgação de dados econômicos e afetando setores como transportes e alimentação. O presidente Donald Trump endureceu o discurso, ameaçando não pagar salários retroativos a parte dos funcionários federais, enquanto o Senado segue sem conseguir aprovar uma medida que restabeleça o funcionamento do governo. A ausência de indicadores oficiais tem aumentado a volatilidade dos mercados e levado investidores a buscar ativos de menor risco, o que impulsionou o ouro a um patamar recorde de US\$ 4.008 por onça-troy, acumulando alta de quase 50% em 2025, reflexo da incerteza política global e da expectativa de cortes de juros pelo Federal Reserve.

Nos EUA, a ata do Fed mostrou que o banco central considera reduzir os juros diante do enfraquecimento do mercado de trabalho, embora ainda haja preocupação com a inflação persistente. Essa leitura reforçou as apostas de flexibilização monetária, o que sustentou um viés misto nas bolsas americanas ao longo da semana: o S&P 500 e o Nasdaq renovaram recordes antes de recuarem nos últimos pregões. Já na Europa, os mercados oscilaram diante de tensões políticas e fiscais, especialmente após a renúncia do primeiro-ministro francês Sébastien Lecornu, e a incerteza sobre a aprovação do orçamento francês.

O STOXX 600 e as principais praças europeias encerraram a semana em leve queda, enquanto o Japão seguiu na contramão: o Nikkei atingiu nova máxima histórica, impulsionado por empresas de tecnologia, mesmo em meio à perspectiva de maior influência política sobre o Banco Central japonês, após a vitória de Sanae Takaichi — que defende políticas econômicas expansionistas e juros baixos.

No Brasil, o foco recaiu sobre a inflação e as dificuldades fiscais do governo. O IPCA de setembro subiu 0,48%, abaixo das expectativas (0,52%), acumulando 5,17% em 12 meses. O principal vetor de alta foi a energia elétrica, com aumento de 10,31%, após o fim do Bônus de Itaipu. O resultado trouxe alívio parcial ao mercado, já que o índice veio dentro do intervalo esperado, apesar de a inflação de serviços ainda mostrar resistência. A Pesquisa Focus manteve praticamente inalteradas as projeções para o IPCA e o PIB — 4,8% e 2,16% para 2025, respectivamente —, com o câmbio projetado em R\$ 5,45 e a Selic estável em 15%.

O ambiente fiscal, no entanto, ganhou destaque após o Congresso deixar expirar a Medida Provisória do IOF, que previa aumento de impostos sobre empresas, apostas e ativos financeiros para reforçar a arrecadação de 2026. A derrota impõe um desafio adicional ao ministro Fernando Haddad, que agora busca alternativas para cobrir um déficit de mais de R\$ 30 bilhões no orçamento do próximo ano. Apesar disso, Haddad manteve um tom otimista, especialmente após a videoconferência entre o presidente Lula e Donald Trump, na qual foram discutidas as tarifas impostas aos produtos brasileiros. Segundo o ministro, as tratativas podem abrir caminho para uma reaproximação econômica entre os dois países, reduzindo tensões comerciais.

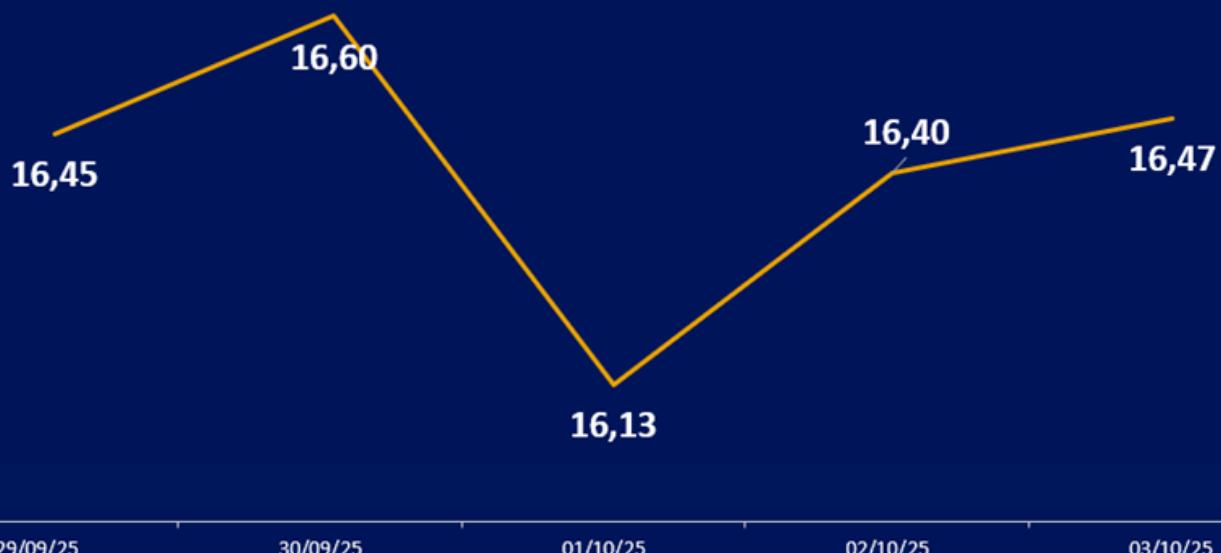
# Mercado Sucroenergético

A semana do açúcar foi marcada por forte volatilidade e pela consolidação de um cenário ainda dominado por fundamentos baixistas, mesmo após tentativas pontuais de recuperação. O contrato Março/26 (SBH6) chegou a atingir o maior nível em três semanas, impulsionado por movimentos técnicos pós-expiração e pela leitura neutro-baixista da entrega de outubro — de 1,53 milhão de toneladas, o quarto maior volume histórico. O encurtamento do spread V/H e o aumento do interesse na arbitragem física contribuíram momentaneamente para sustentar os preços, mas a reação perdeu fôlego à medida que o mercado absorveu o caráter superavitário da nova safra global 2025/26. A percepção predominante é de que, embora o balanço de curto prazo tenha se estabilizado, a assimetria de preços segue limitada, sem gatilhos claros para uma alta consistente.

Nos fundamentos globais, Índia e Tailândia voltaram ao centro das atenções. No caso indiano, as chuvas excessivas em setembro — as mais intensas em 24 anos — atrasaram o início da safra em Maharashtra e geraram incerteza quanto à produtividade. Estimativas da ISMA apontam 34,7 milhões de toneladas. Ainda assim, a possível liberação de cotas de exportação, prevista apenas para 2026, segue como variável-chave para o equilíbrio do mercado. Já na Tailândia, a nova previsão oficial da OCSB de 10,5 milhões de toneladas — abaixo da média esperada — reforça a percepção de custos crescentes e menor competitividade, com o custo operacional estimado em 18 c/lb, o que coloca o Brasil como o único produtor global competitivo nos níveis atuais do NY#11.

No Brasil, o Centro-Sul mantém um ritmo intenso de moagem, com condições climáticas ainda favoráveis à continuidade da colheita, já que o início de outubro registrou precipitação abaixo de 10 mm e projeção de chuvas mais expressivas apenas para a segunda quinzena do mês. Isso sugere que a produção de açúcar deve seguir forte, ampliando os estoques — que já somam 10,1 milhões de toneladas, acima do nível do ciclo anterior — e enfraquecendo o argumento de aperto no tradeflow. Em contrapartida, as exportações recuaram em setembro, e a valorização do etanol ainda é insuficiente para induzir uma mudança relevante no mix, mantendo a oferta de açúcar firme no curto prazo.

No cenário de preços, o açúcar em Nova York devolveu ganhos após atingir as máximas de um mês e voltou a operar próximo dos 16,20 c/lb, refletindo a ausência de gatilhos altistas. Em reais, as cotações se sustentaram ao redor de R\$ 2.000/t, apoiadas pelo câmbio, mas sem espaço para avanços expressivos. O white premium, antes acima de US\$ 90/t, perdeu tração, e as telas de Londres operam praticamente flat, reforçando o ambiente de superávit. Para o mercado, a chance de reversão significativa depende de dois fatores ainda incertos: o encerramento antecipado da safra no Centro-Sul ou uma piora concreta das condições na Índia. Até que um desses elementos se materialize, o domínio segue dos fundos especulativos, que permanecem confortavelmente vendidos, aproveitando o ciclo de preços baixos em um mercado que, embora tecnicamente equilibrado, ainda carece de fundamentos para sustentar uma retomada sólida.



## Clima & Tempo

Nesta semana, o clima na região Centro-Sul do Brasil deve permanecer instável, com pancadas de chuva isoladas e localizadas previstas principalmente entre sexta-feira e terça-feira, acompanhadas de alertas para chuva intensa. Durante o fim de semana, a formação de um ciclone extratropical tende a intensificar essas condições, afetando especialmente o oeste de São Paulo, o sudoeste de Minas Gerais, o noroeste do Paraná e partes do Mato Grosso do Sul. O sistema pode trazer fortes chuvas, ventos intensos, granizo e descargas elétricas frequentes, representando risco para os canaviais ao interromper as operações de colheita e moagem. As previsões dos modelos americano e europeu continuam divergindo: o modelo americano é mais otimista, indicando chuvas próximas ou acima da média em partes de São Paulo (Assis, Araçatuba, São José do Rio Preto), Mato Grosso do Sul e Paraná, além de apontar volumes abaixo da média no norte paulista (Ribeirão Preto, São Carlos, Piracicaba) e em Mato Grosso. Em contrapartida, o modelo europeu apresenta um cenário mais conservador, projetando chuvas abaixo da média em grande parte do Centro-Sul, inclusive nas principais zonas agrícolas. As chuvas previstas para a segunda metade da semana devem aumentar levemente a umidade do solo e aliviar o calor no Centro-Sul, embora devam ser insuficientes para recuperar totalmente o déficit hídrico existente. A Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos EUA (NOAA) estima 71% de probabilidade de formação do fenômeno La Niña já em outubro, com possível persistência até fevereiro de 2026.